

O TESTAMENTO DO CACHORRO

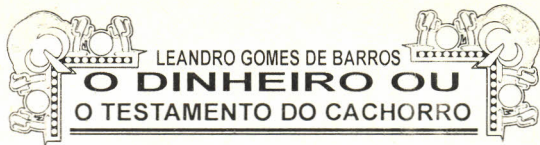
Leandro Gomes de Barros

EDIÇÃO ESPECIAL



ilustração: Adriano Albuquerque

Panamirim/RN janeiro 2008



O dinheiro neste mundo
Não há força que o debande
Nem perigo que o enfrente
Nem senhoria que o mande
Tudo está abaixo dele
Só ele é que é o grande.

Ele impera sobre o trono
Cercado por ambição,
O chaleirismo a seus pés
Sempre está de prontidão,
Perguntando-lhe com cuidado:
- O que lhe falta, patrão?

No dinheiro tem se visto
Nobreza desconhecida,
Meios que ganham questão
Ainda estando perdida,
Honra por meio da infâmia,
Glória mal adquirida.

Porque ó mesmo o dinheiro
Tem maior utilidade,
É o farol que mais brilha
Perante a sociedade.
O código dali é ele
A lei é sua vontade.

O homem tendo dinheiro
Mata até o próprio pai
A justiça fecha os olhos
A polícia lá não vai,
Passam-se cinco ou seis meses
Vai indo o processo cai.

Compra cinco testemunhas
Que depõem a seu favor,
Alga dois escrivões
E compra o procurador,
Faz dois doutores e prata,
Pronto o homem, meu senhor.

Ainda que vá a júri
Compra logo atenuante,
Dá um unto nos jurados
Se livra o mesmo instante,
Tem o juiz a favor,
Jurados e assim por diante.

Essas questões muito sérias
Que vão para o tribunal,
Ali exige os papéis
Que levem prova legal,
Cédulas de quinhentos fachos,
É o papel principal.

Dinheiro faz eloqüência
A quem nunca teve estudo,
Imprime coragem ao fraco,
Dá animação a tudo,
Vence batalha sem arma,
Faz vez de lança e escudo.

Aonde não há dinheiro
Todo trabalho é perdido,
Toda questão esmorece,
Todo negócio é falido,
Todo cálculo sai errado,
Todo debate é vencido.

Pois o homem sem dinheiro
É como um velho demente,
Um gato que não tem unha,
Cobra que não tem dente,
Cachorro que não tem faro,
Cavalo magro e doente.

Porque perante o dinheiro
Tudo ali se torna mole,
Porque não há objeto
Que sobre os seus pés não role,
Bote dinheiro no morto
Que a ossada dele bole.

O bacharel por dinheiro
É macaco por banana
Ou gato por gabiru,
Ou um guaxinim por cana
Só sagüi pela resina
Ou bode por jitirana.

A moça tendo dinheiro
Sendo feia como a morte
Caracteriza-se, enfeita-se,
Sempre melhora de sorte,
Mais de mil aventureiros
A desejam por consorte.

Porque o dinheiro na terra
É capa que tudo encobre,
Cubra um cachorro com ouro
Que ele tem que ficar nobre,
É superior ao dono
Se acaso o dono for pobre.

Eu já vi narrar um fato
Que fiquei admirado,
Um sertanejo me disse
Que no século passado (XIX)
Viu enterra um cachorro
Com honras de um potentado.

Um inglês tinha um cachorro
De uma grande estimação
Morreu o dito cachorro
E o inglês falou então:
- Mim enterra esse cachorra
Inda que gaste um milhão.

Foi ao vigário e lhe disse:
- Morreu cachorra de mim
E urubu do Brasil
Não poderá dar-lhe fim...
- Cachorro deixou dinheiro?
Perguntou o vigário assim.

Mim quer enterra cachorra
Disse o vigário: - Oh Inglês!
Você pensa que isto aqui
É o país de vocês?
Disse o inglês: - Cachorra
Gasta tudo desta vez.

- Ele antes de morrer
Um testamento aprontou
Só quatro contos de réis
Para o vigário deixou
Antes do inglês findar
O vigário suspirou.

- Coitado! Disse o vigário.
- De que morreu esse pobre?
Que animal inteligente!
Que sentimento tão nobre!
Antes de partir do mundo
Fez-me presente do cobre.

- Leve-o para o cemitério,
Que vou o encomendar
Isto é, traga o dinheiro
Antes dele se enterrar,
Estes sufrágios fiados
É factível não salvar.

E lá chegou o cachorro
O dinheiro foi na frente,
Teve momento o enterro,
Missa de corpo presente,
Ladainha e seu rancho
Melhor do que certa gente.

Mandaram dar arte ao bispo
Que o vigário tinha feito
O enterro do cachorro,
Que não era de direito
O bispo aí falou muito
Mostrou-se mal satisfeito.

Mandou chamar o vigário
Pronto, o vigário chegou
- Às ordens, sua excelência...
O bispo lhe perguntou:
- Então que cachorro foi,
Que seu vigário enterrou?

- Foi um cachorro importante
Animal de inteligência
Ele antes de morrer
Deixou a vossa excelência
Dois contos de réis em ouro
Se errei, tenha paciência.

- Não foi erro, Sr. Vigário,
Você é um bom pastor
Desculpe eu incomodá-lo
A culpa é do portador,
Um cachorro como este
Já vê que é merecedor.

- O meu informante disse-me
Que o caso tinha se dado
E eu julguei que isso fosse
Um cachorro desgraçado,
Ele lembrou de mim?
Não o faço desprezado.

O vigário entregou-lhe
Os dois contos de réis
O bispo disse é melhor
Do que diversos fiéis
E disse: - Provera Deus
Que assim lá morresse uns dez.

E se não fosse o dinheiro
A questão ficava feia
Desenterrava o cachorro
O padre ia pra cadeia
Mas como o cobre correu
Ficou qual letras na areia.

Judas era um homem santo
Pregava a religião
Era discípulo de Cristo,
Tinha toda direção
Porém por 30 dinheiros
Dispensou a salvação.

O dinheiro só não pode
Privar o dono de morrer,
Para o vento no ar
E proibir de chover.
O resto é fácil,
Para o dinheiro fazer.

O sacerdote no templo
Inda estando no sermão
Chega um ateu na igreja
E traga-lhe meio milhão
Que ele vai encontrá-lo
Bota-o na palma da mão.

Havendo muito dinheiro
Casa-se irmã com irmão,
O bispo dispensa um quarto
Vai ao papa outro quinhão
O vigário dá-lhe o unto
E porque não casam, então?

O autor

LEANDRO GOMES DE BARROS (1865-1918), natural de Pombal-PB, faleceu na capital pernambucana após intensa atividade cultural espalhando o cordel em todo Nordeste. Junto com Silvino de Pirauá ele foi o pioneiro na publicação de folhetos no Brasil ainda nos fins do século XIX. Até os 15 anos viveu em Teixeira-PB, centro de poesia popular; mudou-se então para Pernambuco, tendo vivido em Vitória, Jaboatão e Recife. Começou a escrever em 1889, e desde então viveu da poesia. De espírito crítico, satírico e contestador, em seus versos criticou os desmandos de seu tempo, principalmente os políticos, religiosos e os referentes à interferência estrangeira no Nordeste. *"ele parecia mais um fazendeiro do que um poeta"*. Estima-se que ele escreveu mais de mil títulos de folhetos dos mais variados temas.



Editora

Rua Vereador Bandeira Júnior, 53
Parnaíba/RN CEP 59150-000

Fone 3272-7808 / 9994-4720

E-mail: zazascornel@hotmail.com



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).